



Praça da Alfândega: “a Praça dos Italianos”

Leonardo de Oliveira Conedera*

Resumo: A partir da década de 40, a cidade de Porto Alegre começou a transição para a moderna metrópole. O crescimento demográfico de 1940 a 1950 foi de 45%, ou seja, neste decênio a população aumentou de 272.000 para 394.000 habitantes. O início da Segunda Guerra Mundial provocou a aceleração do desenvolvimento da capital gaúcha, cujo resultado apareceu na década de 1950. Em meio a estas transformações que a capital enfrentava um grande número de imigrantes vindos da Itália, Portugal, Alemanha, Espanha, Polônia entre outros países chegaram para compor o tecido social porto-alegrense. Os imigrantes passaram a frequentar vários espaços públicos da cidade. Dentre os lugares na cidade frequentados por estes está a Praça da Alfândega. Então, a presente comunicação pretende contextualizar a imigração italiana no período do pós-guerra (1946-1976) em Porto Alegre. Destacar-se-á as narrativas de imigrantes italianos que apontam a Praça da Alfândega como um dos principais espaços de sociabilidade durante a chegada na sociedade receptora. Além disso, apresentar-se-á o olhar destes italianos que vivenciaram, durante as décadas de 1950 e 1960, a praça através de entrevistas que assinalam a perspectiva deste imigrante que foi acolhido pela nova cidade.

Palavras-chave: Imigração Italiana; Porto Alegre; sociabilidade; História Oral.

Resumen: Desde los años 40, la ciudad de Porto Alegre comenzó la transición para la metrópoli moderna. El crecimiento de la población desde 1940 hasta 1950 fue del 45%, es decir, en esta década la población aumentó de 272.000 a 394.000 habitantes. El comienzo de la Segunda Guerra Mundial llevó a la aceleración del desarrollo de la capital gaucha, el resultado de que apareció en la década de 1950. En medio de estos cambios que la capital se enfrentó a un gran número de inmigrantes procedentes de Italia, Portugal, Alemania, España, Polonia y otros países llegaron a componer el tejido social de Porto-Alegre. Los inmigrantes comenzaron a asistir a diversos espacios públicos de la ciudad. Entre los lugares en la ciudad frecuentado por ellos es la Praça da Alfândega. Por lo tanto, la presente comunicación tiene como objetivo contextualizar la inmigración italiana en la post-guerra (1946-1976), en Porto Alegre. Se podrán de relieve las narrativas de inmigrantes italianos que apuntan la Praça da

* Doutorando em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Contato: leocone5@hotmail.com.



Alfândega como uno de los principales espacios de sociabilidad a su llegada a la sociedad receptora. También, estarán presentes el aspecto de estos italianos experimentaron durante las décadas de los 1950 y 1960 años, la plaza a través de entrevistas que indican que la perspectiva de este inmigrante que fue bien acogido por la nueva ciudad.

Palabras-clave: Inmigración Italiana, Porto Alegre, sociabilidad, Historia Oral.

Neste artigo, em primeiro lugar, será contextualizada a imigração italiana no pós-guerra em Porto Alegre e suas especificidades; posteriormente, se apresentará as narrativas de imigrantes peninsulares que destacam a Praça da Alfândega como um dos locais de sociabilidade nos anos subsequentes à sua chegada. A partir das memórias dos narradores provenientes da Itália, visa-se evidenciar a perspectiva deste imigrado recém-chegado à capital gaúcha nos anos 1950 e 1960.

Imigração Italiana em Porto Alegre no pós-guerra

No pós-guerra¹, novas levas de italianos ingressaram no Brasil. Assim, outros peninsulares começaram a fazer parte da sociedade rio-grandense. Através das Certidões de Casamentos pode-se averiguar uma amostragem sobre os imigrantes que chegaram a Porto Alegre. Em Porto Alegre, o maior contingente de peninsulares é originário do *mezzogiorno*². Dentre os imigrantes meridionais destacam-se quantitativamente, respectivamente, os provenientes de três Regiões: Calábria, Campânia e Sicília. Nos registros matrimoniais³ também se descobriu, em menor número, oriundos do Abruzzo, Puglia, Basilicata e Sardegna.

Nas certidões matrimoniais ainda se observa a existência de indivíduos da Itália central, especialmente de Roma (das províncias de Roma e Viterbo) e da Toscana (províncias de Florença e Lucca). Os indivíduos da Itália setentrional aparecem em menor quantidade se comparados aos sulistas. A maioria deles veio das Regiões do Veneto, Lombardia e Emilia-Romagna. A análise das certidões permite inferir que grande parte dos italianos era do sexo masculino e proveniente do sul da Itália; inúmeros imigrantes apresentavam familiares residentes na capital gaúcha.

¹O período pós-guerra refere-se aos anos de 1946 a 1976.

²*Mezzogiorno*– refere-se ao sul da Itália.

³A partir da pesquisa no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, encontrou-se 466 certidões onde ao menos um dos cônjuges era oriundo da Itália entre os anos de 1955 e 1975.



Através do *corpus* documental analisado, isto é, registros matrimoniais, as fichas do IASI⁴ e as narrativas dos entrevistados apontam que, após o final da guerra, diversos peninsulares ingressaram no Brasil e se dirigiram para a capital gaúcha, porque havia familiares e/ou amigos. Dessa forma, a imigração espontânea predominou para ingresso de italianos no país no período do pós-guerra (CONEDERA, 2012, p.73).

É importante salientar que a maioria dos peninsulares que se fixaram em Porto Alegre desde nas últimas décadas do oitocentos eram provenientes do *mezzogiorno* (CONSTANTINO, 2007, p.12). Desde o século XIX, a capital gaúcha recebeu imigrantes que se deslocavam por intermédio do chamado de seus patrícios que se encontravam fixados no núcleo urbano. A imigração espontânea era promovida, muitas vezes, pelos peninsulares residentes no Brasil. O motor das emigrações em várias ocasiões é motivado pela própria emigração. Franco Ramella(2002, p.143)frisa que “a ativação por parte dos indivíduos e das famílias como elos mais ou menos selecionados pelas redes sociais que são a parte reguladora do movimento, o organiza, o canaliza para certas direções e não a outras”.

Os meridionais residentes em Porto Alegre compartilham um conjunto de relações, a saber, cada imigrante representa um elemento importante na rede social⁵ estabelecida entre ele e seus compatriotas que vivem na cidade. Estas redes sociais são alicerçadas pelas relações de solidariedade e confiança. Normalmente, o núcleo familiar é a base da rede de solidariedade, visto que ele representa o grupo social do indivíduo (LOMNITZ, 2010, p. 20). O uso dos termos “cadeia” e “rede” busca sublinhar a condição de que diversos imigrantes deslocam-se depois de inteirarem-se, previamente, sobre os ensejos e adversidades com aqueles que imigraram anteriormente (TRUZZI, 2008, p.203).

Outra particularidade presente nas redes sociais que alimentam a imigração é o grau de confiabilidade. Ou seja, o indivíduo desloca-se porque confia no que foi dito a ele pelo parente ou amigo. Oswaldo Truzzi(2008, p.206)lembra que “[...] cada informação sobre um indivíduo em sua trajetória influencia o sistema como um todo. [...] Os contatos pessoais tornam-se mais importantes, porque são mais confiáveis do que as informações não pessoais”. Apesar de alguns amigos emigrados ampararem a transferência de outros patrícios para o Brasil, na maior parte das vezes as pessoas interligadas por laços parentais (irmãos,

⁴IASI (*Istituto di Assistenza Sociale degli Italiani*) de Porto Alegre.

⁵ Rede social é um campo de relações entre indivíduos que pode ser definido por uma variável predeterminada e se referir a qualquer aspecto de uma relação. Uma rede social não é um grupo bem definido e limitado, senão uma abstração que se usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações em um espaço social dado. Cada pessoa é o centro de uma rede de solidariedade e, ao mesmo tempo, é parte de outras redes (LOMNITZ, 2009, p. 18).



tios, primos) eram agentes atuantes na ação de incentivar a imigração dos parentes para Porto Alegre.

O aparato da rede também interferia no processo de adaptação. Os sujeitos, que imigraram demoravam para se ambientar ao novo espaço. Assim, os recém-chegados manifestavam insatisfação e os familiares responsáveis pela sua vinda os consolavam e os incentivavam, para não se abaterem com as dificuldades dos primeiros anos. A Sra. Maria Mancuso (2010, p. 3) – que emigrou de Leonforte, Província de Enna, em 1955 – narra:

Quando chegamos estranhamos, e também meus pais chegaram aqui sem dinheiro. Então, eles chegaram aqui sem dinheiro, sem saber falar, vieram então se “aventurar”. Tanto que 3 anos depois que chegamos aqui o meu pai queria ir embora. [...] Mas como os meus tios imploravam, e explicavam para ele ficar. Até porque não era fácil de conseguir um emprego e de se manter aqui.

Além de incentivar e confortar, os parentes que enfrentavam os infortúnios dos primeiros anos, os responsáveis pela vinda de outros conterrâneos, eram um ponto de referência em que os recém-chegados se apoiavam. Deste modo, os incentivadores e, ao mesmo tempo, membros da rede migratória, são responsáveis por um conjunto de questões (recursos financeiros, informações sobre a sociedade de destino, adaptação) que envolvem o sistema de relações que sustenta a rede.

A imigração em cadeia⁶ através das redes sociais não é uma peculiaridade da coletividade italiana de Porto Alegre. Nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro evidencia-se a imigração instigada por peninsulares que se transferiram anteriormente à Segunda Guerra, ou mesmo pelos indivíduos que vieram nas primeiras levas do pós-guerra.

A imigração italiana para determinadas áreas do Brasil, como para outras áreas do globo, ocorreu, no período do pós-guerra, em função da reativação de redes migratórias pré-existentes. Vittorio Cappelli (2007, p. 10), em seus estudos sobre a imigração de peninsulares para as áreas periféricas da América Latina, esclarece que:

Essa emigração espontânea é constituída frequentemente por correntes migratórias que partem de uma pequena área na Itália meridional, no limite entre as províncias de Cosenza, Potenza e Salerno, portanto entre três regiões italianas: Calábria, Basilicata e Campânia. Trata-se de uma parte do Apenino meridional, onde o fenômeno da emigração para as Américas manifesta-se

⁶Dentre as tipologias migratórias elencadas por Charles Tilly, os italianos que migraram deslocaram para Porto Alegre, após a Segunda Guerra Mundial, realizaram uma imigração em cadeia, isto é, “que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino” (TILLY *apud* TRUZZI, 2008, p.200).



de forma precoce, já a partir da década de 1860, estimulando uma ativa experiência de mobilidade, relacionada a hábitos dos vendedores ambulantes e, sobretudo, ao articulado mundo dos artesãos: douradores, artífices em estanho e em cobre, cinzeladores, prateiros, ourives, caldeireiros, fabricantes de instrumentos de corda, tintureiros, alfaiates, sapateiros.

Como refere o professor Cappelli, os italianos apresentam, desde a segunda metade do século XIX, uma forte tendência migratória. Isto é, a mobilidade de peninsulares em meados do oitocentos para determinadas localidades seria um dos fatores que contribuíram direta ou indiretamente para a ocorrência de imigrações posteriores. Em Porto Alegre, por exemplo, desde a década 1890 observa-se uma presença expressiva de calabreses de MoranoCalabro e sicilianos de Leonforte dentre os meridionais residentes no município (CONSTANTINO, 2007, p.90).

A Praça da Alfândega



Figura 01: Praça da Alfândega em 1910

Fonte: http://antigaportoalegre.no.comunidades.net/index.php?pagina=1793505997_01
acessado em 03/07/2013

A coletividade italiana que desembarcou em Porto Alegre nos anos 1950 constituiu seus espaços de sociabilidade⁷. Os imigrantes constituíram locais próprios de interação na

⁷ Por “espaços de sociabilidade” entende-se, como Simmel (1986), as ações sociais que têm lugar entre os homens, ações recíprocas ou que dispõem da “possibilidade de convivência”.



cidade, onde transitavam e encontravam os seus conterrâneos. A Praça da Alfândega tornou-se um lugar trivial e muito frequentado pelos italianos presentes na capital gaúcha. Na década de 50, o Sr. Antonino Vinciprova, que emigrou de Leonforte, Província de Enna, em 1955, lembra:

Bem! A gente sempre se reunia na Praça da Alfândega⁸, naquela época, porque muitos de nós trabalhávamos próximos da praça. Nos encontrávamos sempre ali para também tomar um cafezinho, conversar, era uma das poucas diversões que se tinha naquela época, ou ainda se ia ao cinema que era mais barato, que você ia ficava umas duas horas e depois cada um ia para a sua casa. (VINCIPROVA, 2010, p. 8)

A Praça da Alfândega, desde a sua modernização, nas primeiras décadas do século passado, constitui-se em espaço importante da vida social, econômica, política e cultural da capital. A praça destacou-se sempre como um local de convívio. O entorno da Praça sempre concentrou aspectos vinculados ao econômico, social e cultural (PEDROSO, 2007, p.62-63). A Sra. Antonina Vinciprova (2011, p. 4), irmã do Sr. Antonino, também recorda que:

Nós nos encontrávamos na Praça da Alfândega. A gente ia passear na Rua da Praia. Nós íamos muito à Rua a Praia e na Praça da Alfândega, onde nos sentávamos nos bancos, passeávamos. (...) Nós íamos olhar as vitrines, passear, às vezes havia um filme italiano que passava no cinema e íamos assistir. Até porque tinha o cinema Vitória, e muitos outros cinemas no centro naquela época.

A Sra. Antonina em sua narrativa refere que ela e seus conterrâneos, assim como os porto-alegrenses frequentavam os cinemas situados nos arredores da praça, bem como desfrutavam do espaço de sociabilidade que o espaço oferecia aos seus frequentadores. Os cinemas de Porto Alegre também são lugares lembrados pelos entrevistados. Em 1948 já havia 30 salas de cinemas, a maioria localizando-se no centro (FRANCO, 1988, p.114). Charles Monteiro (2004, p.60) aponta que “[...] ao redor da Praça da Alfândega existiam vários cinemas com seus letreiros de néon, seus filmes coloridos com as grandes estrelas de Hollywood, difundindo novos hábitos de vida e de consumo”.

É necessário destacar que, entre os anos 1950 e 1960, aumentou a quantidade de cinemas espalhados pela cidade. Em 1963, Porto Alegre contava com o número de 43 salas de exibição. Todavia, desde 1958, o cinema começou a enfrentar a concorrência da televisão, quando foi inaugurada a TV Piratini (FRANCO, 1988, p.114).

⁸ A Praça da Alfândega foi nomeada, inicialmente, Largo da Quitanda (1800); posteriormente, foi denominada ainda de Praça do Comércio, Praça Florêncio (1883). O nome da Praça surgiu em função da construção do prédio da Alfândega junto à Praça (PEDROSO, 2007, p. 56-60).



A Sra. Dalva Di Martino(2010, p.10) – que emigrou de MoranoCalabro, Província de Cosenza, em 1950 – que chegou com 14 anos à capital gaúcha, vivenciou sua adolescência na cidade e comenta que nos anos 50 ocorreu o *boom* do cinema e da música italiana (destaque para as músicas dos festivais de San Remo). Então, a adaptação e convivência para a ela e conacionais foram suavizadas pela atmosfera cultural de Porto Alegre que era entretida por atrações da cultura italiana.



Figura 02: Praça da Alfândega em 1940

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1145335> acessado em 03/07/2013

Especialmente, entre os jovens, a prática do *footing*⁹, que ocorria entre a Rua da Praia e a Praça da Alfândega. Além disso, a Praça era um local de passagem, reunindo todas as faixas etárias, visto que apresentava uma gama de entretenimentos. Os restaurantes e, principalmente, os cafés conformavam-se em ambientes assiduamente frequentados presentes nas imediações da Praça da Alfândega. Por exemplo, o Sr. Sebastiano Campisi(2010, p.4) – que emigrou de Avola, Província de Ragusa, em 1955 – costumava ir para o centro, porque naquele lugar encontrava seus patrícios nos cafés existentes na praça. O depoente fala que costumava frequentar o restaurante Trattoria Giovanni, onde encontrava seus amigos e saboreava o seu espaguete.

⁹*Footing* era a prática de passear a pé. Entre os anos 1930 e 1960, a palavra “footing” caracterizava-se pelo encontro da sociedade local na Praça da Alfândega (PEDROSO, 2007. p. 66).



A Praça da Alfândega não era apenas um local de encontro e de entretenimento. Mas também um local de trabalho. O Sr. Nicolò Cassarà (2009, p. 4), que emigrou de Alcamo, Província de Trapani, em 1955, conta que “conheci a Dalva [esposa do narrador] e larguei de viajar, porque casar para bancar o marinheiro também não serve. E então comecei a trabalhar como propagandista aqui na praça onde trabalhei por muitos anos”.

O Sr. Cassarà, quando conheceu a sua futura esposa, a Sra. Dalva Di Martino, deixou de ser representante de vendas para ser propagandista, e seu espaço de trabalho passou a ser a praça cujo ambiente era propício devido à circularidade de transeuntes que frequentavam na praça.

É importante lembrar que no final da década de 1960, transformações urbanas iniciaram-se no Centro de Porto Alegre atingindo também as dependências da Praça da Alfândega. As utilidades do seu recinto alteraram-se. A praça perdeu seu caráter residencial para adquirir outro, estritamente comercial. Os bancos e escritórios começaram a ocupar o local. Enquanto os cafés, confeitarias e cinemas fechavam as suas portas (PEDROSO, 2007, p.65-68).

Na sociedade receptora, os italianos mantiveram contato com seus conterrâneos e amigos brasileiros. A Praça da Alfândega foi um dentre os inúmeros locais de sociabilidade compartilhada pelos imigrados. A Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul e Paróquia da Nossa Senhora da Pompéia também se constituíram em lugares bastante frequentados pelos peninsulares que passaram a integrar o tecido social porto-alegrense nos anos do pós-guerra.

A Porto Alegre dos italianos

Os imigrantes, que chegaram após a Segunda Guerra Mundial, encontraram um contexto favorável, visto que havia uma alta demanda de mão de obra, sobretudo daquela qualificada. Na primeira metade do século XX, a capital gaúcha demonstrou um elevado crescimento urbano associado à ampliação do seu parque industrial, vinculada à rede de transportes de médios e longos trajetos (navegação fluvial, ferrovia e aviação civil). O distrito industrial – formado, inicialmente, pelos bairros Navegantes e São João¹⁰, e que com o tempo

¹⁰ Os bairros Navegantes e São João foram criados pela Lei nº 2022, de 07/12/1959. No entanto, o primeiro arruamento das imediações do Navegantes data de 1870. Posteriormente, a inauguração da primeira Estação Navegantes, em 1886, interligando Porto Alegre-Novo Hamburgo, favoreceu a dinamização e ocupação da região. Em 1895, a Empresa Territorial Porto-Alegrense realizou um grande loteamento nas áreas do bairro, fomentando a sua habitação (FRANCO, 1988, p. 284-285).



englobou toda a Zona Norte da cidade – concentrou a expansão populacional de Porto Alegre nesta fase (FORTES, 2004, p.31).

Diversos italianos – que desembarcaram em Porto Alegre no final da década de 1950 – instalaram-se na Zona Norte (Navegantes, São João, Passo da Areia) do município e muitos deles ficaram morando no mesmo bairro. Os peninsulares também se estabeleceram também no Centro, Cidade Baixa, Bom Fim, Menino Deus, Parthenon e em zonas mais ao sul da cidade (bairros Glória e Guarujá). Entre o último decênio do oitocentos e o início do novecentos, Constantino salienta que “havia grande número de imigrantes que ocupava parte do bairro Cidade Baixa, que acabou sendo, por definição, o Bairro Italiano” (2000, p.68).



Figura 03: Foto aérea da área do 4º Distrito na década de 1960.
Fonte: Associação dos Moradores do 4º. Distrito.

Os imigrantes peninsulares, que vieram no período do pós-guerra, eram provenientes de pequenas cidades, logo os imigrados em suas narrativas enfatizam que Porto Alegre é um grande centro urbano. A Sra. Antonina Vinciprova (2010, p. 3) comenta que:

Nós achamos tudo lindo. Ah! Porque a nossa era uma cidadezinha, não era assim uma cidade grande como esta. E com o tempo foi passando fui gostando. Mas no começo, quando cheguei, não gostava porque eu por mim tinha a vontade de voltar. Mas não queria mais voltar para Leonforte. Mas eu



queria voltar para uma outra cidade maior onde eu pudesse trabalhar, mas depois que nós chegamos, e nos acomodamos aqui (Porto Alegre), eu não queria também mais voltar.

Da mesma forma que a Sra. Vinciprova, a Sra. Dalva Di Martino explana que:

O pai dizia que Porto Alegre era um a cidade grande. Que não era uma cidade como Morano[Calabro]. Que era uma cidade [Porto Alegre] que oferecia muitas chances para crescer na vida. Por isso que ele estava longe. (...) Então, Porto Alegre foi, para mim, uma cidade muito bonita. Não tive decepção, quanto à cidade. (DI MARTINO, 2010, p. 5-6)

Como se percebe na fala da Sra. Di Martino, na sociedade de acolhimento, entre as recordações mais recorrentes nos diálogos realizados com os italianos, a questão do trabalho é sempre aludida. Para os entrevistados, lembrar-se da atividade profissional esclarece os motivos pelos quais muitos deixaram a sua cidade natal. Como afirma Abdelmalek Sayad, diversas vezes o imigrante é percebido como força de trabalho, mesmo que em algumas situações esteja em trânsito (1998, p.33-34). O indivíduo que migra existe apenas para o trabalho. Isto é, o trabalho condiciona a existência do sujeito (CONEDERA, 2012, p.105).

O ambiente de trabalho foi um local de integração para vários peninsulares. A Sra. Antonina Vinciprova(2010, p. 7) conta:

Nós chegamos aqui na manhã do dia 14 de setembro, e no dia 5 de outubro já estávamos trabalhando aqui na Arrozeira Brasileira onde o chefe era italiano. E com quem a minha irmã [Francesca] falou que nós havíamos chegado, e já podíamos trabalhar. [...] Muitas italianas, mas também brasileiras. Mas trabalhavam lá a minha irmã, uma cunhada, outra amiga, a tia da Maria Mazzola [amiga da entrevistada], que era irmã da mãe, onde todo mundo que eu conhecia trabalhava, e com o tempo a gente se entrosou. Até porque no primeiro momento, eu não sabia falar o português, e não conhecia muitas coisas [no bairro, na cidade], mas eu me virava.

A fábrica para a Sra. Antonina constitui-se no primeiro espaço de contato com a sociedade de adoção. No interior da Arrozeira Brasileira, a depoente, além de trabalhar, conheceu outras pessoas, bem como reforçou laços e amizades com indivíduos de seu país de origem. A capital gaúcha para muitos era vista como uma cidade que apresentava um horizonte de oportunidades, já que na sociedade porto-alegrense dispunham de oportunidades de emprego, que não dispunham na Itália.

O pesquisador, Carlo Ginzburg(2007, p.178-179), afirma que “a realidade é opaca, mas existem certos pontos privilegiados – indícios, sintomas – que nos permite decifrá-la”. A narrativa dos imigrados é impregnada, como outras fontes históricas, de sinais que podem



assinalar fenômenos sociais mais amplos e complexos. Além disso, as entrevistas dos italianos apresentam uma série de indícios que remetem ao cotidiano dos imigrantes e de suas famílias, ao trabalho que desempenharam, à cidade de adoção que se modificou e que é lembrada pelo olhar diferenciado de um estrangeiro ou de uma estrangeira.

Portanto, a coletividade italiana continuou a se encontrar e a confraternizar na sociedade porto-alegrense durante os anos subsequentes a Segunda Guerra, nas dependências da Praça da Alfândega que se constitui em um lugar importante de encontro, confraternização, assim como outros espaços públicos, como cafeterias, restaurantes, cinemas e igrejas da capital.

Referências bibliográficas

- CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 7-37, jul. 2007.
- CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **A Imigração Italiana no pós-guerra em Porto Alegre: Memórias, narrativas, identidades de sicilianos**. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2007. 174 p.
- _____. **O italiano na cidade**. Passo Fundo: UPF, 2000. 85 p.
- FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Garamond, 2004. 459 p.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: UFRGS, 1988. 439 p.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura e poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. 245 p.
- MONTEIRO, Charles. Porto Alegre no Século XX: crescimento urbano e mudanças sociais. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque – história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 51-74. 338 p.
- PEDROSO, Luciano Fernandes. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega em Porto Alegre-RS**. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- RAMELLA, Franco. Reti sociali, famiglie e strategie migratorie. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (org.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2002. p. 143-160. 717 p.
- SAYAD, Abdelmalek. **Imigração: paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998. 300 p.



SIMMEL, Georg. **Sociologia**:estúdios sobre las formas de socialización. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1986. 292 p.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização. In: GERTZ, René E. (Org.). **História Geral do Rio Grande do Sul**. República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 4. p. 291-313. 578 p.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008.

Fontes orais

CAMPISI, SantiSebastiano. **Imigração para Porto Alegre** [jul. 2010]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

CASSARÀ, Nicolò. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

DI MARTINO, Dalva Cassarà. **Projeto mulheres imigrantes do Mercosul** [jun. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

VINCIPROVA, Antonina. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2010]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera e a Egiselda Charão. Porto Alegre.

VINCIPROVA, Antonino. **Imigração para Porto Alegre** [abr. 2010]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

*Recebido em Julho de 2013.
Aprovado em Agosto de 2013.*